N.º 105 Ovar, 24 de Maio de 1908 Anno III

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A ALLIANÇA INGLEZA

XV

O ultimatum de 1890

Os titulos á pressa forjados pela Inglaterra para estribar as suas pretenções sobre os territorios do Chire eram d'este teor:

«Eu John Buchanan, consul de Sua Magestade a Rainha no Nyassa, juro que Meulali, aqui presente, *superstitiosamente receioso de pòr a sua mão neste papel, me auctorisou* em presença de Katungo e Maxa, chefes dos Makololos e de grande numero do seu povo, e de todas as testemunhas abaixo assignadas, *a fazer a cruz que está acima em nome d'elle.*— John Buchanan».

Seguem-se as assignaturas das testemunhas, John Moir, Adão Mac-Culloch, Donald Malotta, Thomaz Faulker Fred, todos fieis subditos de Sua Graciosa Magestade. No mesmo documento se faz ainda a seguinte declaração:

«Nós, abaixo assignados, juramos que verdadeira e honestamente interpretámos o precedente convenio ás Partes Contractantes na lingua Chinyanja. — John Moir, Donald Malotta — Reconheço as assignaturas — *John Buchanan*».

Este documento é datado de 24 de setembro de 1889.

Havia muito mais d'um mez que Serpa Pinto acampava com a sua expedição nas margens do Chire, assegurando assim a occupação portuguêsa d'aquelles territorios.

Mas Buchanan, não obstante, ia arranjando mais *tratados* A 26 de setembro, em Chilomo, celebrava um convenio com os filhos de Chiputulo em que estes se assignavam *Liwewe* e *Chitawonga* e no qual era o proprio Buchanan quem jurava haver traduzido fielmente o convenio na lingua Chinyanja!

Não vale a pena nem é necessario avultar o que taes decumentos têem de ridiculo, visto como á face do direito elles são absolutamente destituidos de valor. Mas a sua falta de seriedade é tão flagrante, tão extraordinaria, tão imprevista que elles não dão já logar a que os classifiquem de ridiculos —são simplesmente graciosos!

Não se resiste a uma tal provocação á hilariedade.

Buchanan celebra tratados com os regulos do Nyassa em nome de Sua Magestade a Rainha da Gran-Bretanha, mas nesses tratados nada apparece feito pelos citados regulos, tudo é da lavra do mesmo alegre Buchanan, que assigna de direito como representante de uma das partes contractantes, que assigna depois a rogo da outra parte contractante e de cruz porque essa parte não sabia escrever e tivera receio, como declara, de pôr a sua mão no referido papel, e é elle ainda, Buchanan, quem reconhece as assignaturas das testemunhas do acto, as quaes são tambem todas inglêsas! Em resumo, Buchanan leva a effeito a negociação, lavra o instrumento do convenio accordado, assigna-o em nome das duas partes contractantes, das quaes elle representa uma, e por fim authentica-o reconhecendo as assignaturas das téstemunhas que nelle figuram!

Não é suprehendente?

Comtudo era em taes titulos arranjados *ad hoc* por agentes tão joviaes e espirituosos que a Inglaterra fundava os seus direitos em contestação aos de Portugal, que se baseavam em diversos actos de occupação e em authenticos actos de vassalagem. E, todavia, a Inglaterra sustentava tambem, havia dois annos, ser a accupação effectiva a condição essencial de posse de territorios, conforme a verdadeira interpretação das disposições do Acto de Berlim.

Mas que occupação exercia a Inglaterra sobre a região do Chire e Nyassa á data de ali se dar o conflicto com Serpa Pinto? Ou seriam as manobras dos consules Johnstom e Buchanan e a propaganda evangelica das missões de Blantyre considerados actos de jurisdicção e occupação mais authenticos que as expedições de Augusto Cardoso, Antonio Maria Cardoso e Serpa Pinto?

O motivo invocado pelo governo inglês para reclamar contra o acto de Serpa Pinto e exigir a retirada da sua expedição para o sul do Ruo foi o protectorado que dizia ter estabelecido sobre aquelles territorios. Vamos ver que valor tinha tal declaração.

Em 19 de agosto de 1889 o consul Buchanan intimava o major Serpa Pinto a não avançar em som de guerra pelo territorio Makololo porque, dizia, esse territorio estava comprehendido sob o protectorado da bandeira inglêsa, *desde o Ruo.* Tal protectorado não existia, é claro, senão na phantasia dos dois agentes Johnston e Buchanan, pois, como lá vimos, ainda mais d'um mez depois o mesmo Buchanam fabricava, para confirmar essa declaração, os documentos que citámos. Serpa Pinto, na celebre conferencia que realiza em 26 com o consul Johnston, sustenta energicamente os direitos de Portugal, negando-se a reconhecer um facto que nenhum acto sério authenticava. E o proprio Johnston, implicitamente, o reconhece tambem, pois devendo Serpa Pinto estar já a esse tempo além do Ruo, e portanto em territorio britannico, admittido o tal protectorado, é Johnston que vae ter com Serpa Pinto a pedido d'este, para conferenciar ácerca de assumptos importantes, conforme elle mesmo declara no seu relatorio ao governo inglês por estas palavras: «chegou um mensageiro num bote mandado pelo major Serpa Pinto pedindo-me que fosse ao seu acampamento para conferenciar com elle em assumptos importantes». E o sr. Johnston foi! Se elle estava em terra sua, se era elle o suzerano, o que parecia natural era que fosse Serpa Pinto que o procurasse, e não Serpa Pinto que o mandasse chamar (1)».

Mas ha mais.

Serpa Pinto respondeu á intimação de Buchanan em carta datada do acampamento de Massange em 21 de agosto. Nessa carta Serpa Pinto, depois de dizer ao consul inglês que ordens só as recebia do governo do seu paiz, e de declinar sobre os agentes britannicos e os missionarios de Blantyre a responsabilidade inteira de acontecimentos eventuaes que estavam provocando com «toda a qualidade de intrigas e manobras desleaes», fallava assim ao consul Buchanan:

«Se na verdade, Makololos estão de protecção do governo inglês, e por conseguinte lhe obedecem, estou certo de que a minha passagem será facil e segura, porque o governo inglês representado por V. Ex.ª só me póde dar facilidades, sendo eu de um paiz que sempre tem abertas, franca e lealmente, as portas das suas colonias a expedições scientificas inglêsas, prestando lhes todo o auxilio e amparo; mas em todo o caso, se é verdade o que V. Ex.ª me diz, peço-lhe que convença os Mokololos de que a minha expedição é pacifica e scientifica, que lhes diga que pertenço a nação amigo da Inglaterra, e que portanto não perturbem a minha marcha, pertubação a que V. Ex.ª n'esse caso não póde ser considerado estranho; e, assegurando-lhe não posso consentir que um chefe negro queira disputar-me a passagem ou fazer-me o mais insignificante insulto, asseguro além d'isso a V. Ex.ª que, se na minha entrada no territorio Makololo eu for atacado, tomarei immediatamente a offensiva e acabarei de uma vez com essa causa constante de perturbação n'esta parte do Chire».

Que respondeu a isto o consul Buchanan?

Insurgiu-se contra os termos altivos em que lhe escrevia Serpa Pinto?

Protestava contra a ameaça do mesmo official de que tomaria offensiva e acabaria com resistencias que claramente dizia não reconhecer? Não.

O consul Buchanan respondia sómente isto:

«Vossa Excellencia suppõe que, estando agora o paiz dos Makololos debaixo da protecção do Sua Graciosissima Magestade a Rainha da Gran-Bretanha e da Irlanda, imperatriz da India, etc., póde contar com segura e pacifica jornada atravez d'aquelle paiz. *Lamento dizer que não posso prometter-lhe taes resultados.*

Tal era o prestigio da Inglaterra nos Makololos.

Affonso Ferreira.

(1) Pinheiro Chagas—*As negociações com a Inglaterra.*

LITTERATURA

As Miragens Seculares

IV

«E' a imprensa um espelho, onde se reflete a phisionomia do escriptor — cuidado com elle» — disse Castilho nas *Escavações Poeticas.*

E eu accrescento—«ás vezes poucas linhas bastam a retratal-o.

Bem pequena é a carta do sr. Theophilo Braga, ha dias publicada pelo *Jornal de Noticias* na correspondencia de Paris, e ahi se denuncia, como em tudo, que sai da sua penna, o pretencioso desejo de mostrar, que entre factos de varia especie sabe vêr relações, que outros não viram, e descobrir causas, a que ninguem os attribue. Quer ser um critico, um pensador original, e não é senão chimerico—eis um dos traços mais expressivos da sua phisionomia litteraria.

Quem viu no reinado de D. Maria II a *desnacionalisação* do regimen liberal *sophismado* na *cumplicidade do Coburgo* seu marido, e que foi Garrett, que dando á *lingua portugueza o maximo valor esthetico* susteve e não deixou *apagar-se* a **autonomia** de Portugal?

Então, se Garrett não desse á lingua portugueza o maximo valor esthetico, o que tambem não passa de uma chimera, apagava-se a autonomia de Portugal? Já se não conhecera, que tinha vida propria?

As energias moraes, as tendencias, que a sustentam, estavam extinctas, suffocadas, e por aquelle governo de D. Maria II, que *desnacionalisou* o regimen liberal?

Uma revolução triumphante n'aquella epocha, a que a mesma carta se refere, não prova o contrario?

Não discutamos—o *sophismado na cumplicidade do Coburgo* — porque esta frase nem sentido tem e não é discutivel.

Nos assumptos referentes á historia de um paiz, e tratados na litteratura de modo a despertar ou fazer a valer o espirito nacional podemos conceber uma influencia favoravel á sua autonomia?

Mas no *valor esthetico* da lingua é só o espirito do illustre professor, que o concebe.

Como póde haver uma tal relação e tão poderosa entre o valor esthetico da lingua e a autonomia de qualquer modo considerada?

Mas um exemplo notavel da utopia, em que vive a sua mente, está nas origens philosophicas, que attribuiu ás phases da eschola coimbran, precursoras do feliz advento da *Visão dos Tempos*; está ainda em conceder á mesma eschola, mas já na sua *brilhante* transformação positiva, uma influencia renovadora do espirito portuguez na litteratura, na sciencia, e na arte, etc.

Já citamos os periodos do *Parnaso*, onde essa utopia se estende á vontade, mas convém chamal-os á lembrança dos que nos lerem.

Diz alli o sr. Theophilo—«A cada geração academica succede-se (sic) a influencia de um dado philosopho — ás differentes gerações se foram succedendo Chateaubriant, Aimé Martin, *depois* Pelletan, Quinet, e Michelet, *de-*

A REDEMPÇÃO

I

Continuação

Dos montes d'Armenia formosas torrentes,
De immensa grandeza um *parque* regavam;
Campos de fructas de côres attrahentes,
Flores perfumadas no solo brilhavam.

Das avezinhas os trinados corriam,
Por aquelle recinto que o Eterno fundou;
Formosos cantos tal concerto faziam,
Que dos céos á terra um cherubim baixou.

Alli tambem desceu essa Entidade
Que tinha lançado do universo o fundamento,
Que existia de toda a eternidade,
Que tinha feito do céu o firmamento...

D'argilla formou o supremo animal,
Organisado com extrema perfeição;
Deu-lhe vida e uma alma immortal,
E fel-o assim o rei da creação!

Assim o homem com a fronte levantada
Defront'ali subitamente uma visão: (•)
Tal obra *prima* por Deus contemplada
Achou-a um primôr da sua creação.

Esta creatura, olhou, a ninguem viu,
Que semelhasse seu typo, sua imagem;
Então Deus profundo somno lhe infundiu,
Ficou tudo para elle como miragem.

Uma costella arranca do seu lado
E sobre ella um organismo formou;
Depois do homem ter sido accordado
Viu sua imagem... assombrado ficou.

(Continúa).

João da Silva Ferreira

(•) Que viu alli Adão quando foi chamado á vida? viu a entidade Divina, que estava contemplando a obra maravilhosa da sua infinita sabedoria.

Como poderia Adão ter a vizão divina, sendo Deus um puro espirito?

A Deus não lhe falta o poder de revellar-se de qualquer forma ao ser humano, já como puro espirito no intimo ser de cada um, já por fórma sensivel aos nossos sentidos, como fez a Moysés na sarça que ardia sem se consumir.

pois Vico, Hegel, e Augusto Comte».

São pelo menos tres successões, uma com dois philosophos, e duas com tres, mas parece, que ha mais, como veremos.

Comecemos por notar, que Chateaubriant e Aimé Martin ninguem os classifica entre os philosophos? foi lapso sem duvida.

O 1.º no *Genio do Christianismo* decerto foi lido por alguns poetas do 1.º *Trovador*, e á sua imaginação daria algumas côres, porque impressiona descrevendo e poetisando o culto enlaçado aos actos e scenas da vida — e se vai mais além, é apenas n'uma theoria litteraria, que da superioridade do Evangelho sobre a religião pagan quer derivar a superioridade da litteratura moderna.

O 2.º, Aimé Martin, na *Educação das Mães de Familia* cuja leitura encanta, não é um philosopho, como todos sabem.

Não se trata da influencia n'um ou n'outro academico, mas d'uma influencia generalisada, dominante, já não digo n'uma geração, como se lê no Parnaso—mas tanto na 1.ª como nas outras *successões* de philosophos, de que falla o nosso Mestre, onde está o grupo, que os leu, ou adoptou as suas ideias, d'onde é que ellas transpiram, onde é que uma tal influencia e generalisação se manifestam?

Onde é que estão as correntes mentaes?

Da 2.ª *successão* direi o mesmo que da 1.ª *Pelletan, Quinet, e Michelet* não correram pelas mãos da academia. Apostolo do progresso no *Mundo Marcha* e na *Profissão da Fé*, que data de 1853, Pelletan pertenceria a todas as gerações, não distinguira nenhuma—Quinet, (cujas obras, me parece, só eu tinha) desenvolve no *Genio das Religiões* a ideia de que a forma religiosa é o typo dos governos e das sociedades, mas nunca aos mais *distinctos alumnos* ouvi expendel-a ou invocal-a no meu tempo.

Igualmente Michelet não criou uma clientella na Universidade. Na *Introducção á Historia Universal* o movimento historico se dirige cada vez mais á liberdade, mas se esta ideia lá grassou, não foi porque Michelet a incutisse.

A 3.ª *successão*, ou phase, em que entra o sr. Theophilo, *é dominada por Vico, Hegel, e Comte.* Extranho que os tres philosophos, cujas doutrinas tanto entre si repugnam, obtivessem o ser unisonas no espirito universitario, sobretudo no do sr. Theophilo, onde *todavia* não chegaram senão a contradizerem-se—como já notamos.

O meu tempo não conheceu Vico.

Eu mal comecei a lêr a *Sciencia Nova* traduzida por Michelet. Era tambem eu o unico em cuja estante se viam os philosophos allemães, traduzidos em francez com muitos que pretendiam explical-a. *Thiberghien, Ott, Willm, Dicc. de Sciencias Phil*, etc.

Nunca os percebi na sua transcendencia; — mas de certo ponto a descer para as applicações quantas theorias e ideias profundas se lhes não devem?

Lê-se com muito proveito a esthetica de Hegel—por exemplo.

Ao contrario do que improvisa o nosso Mestre a metaphisica allemã esteve sempre em descredito, *escarnecia-se d'ella como nebulosa*, não porque a estudassem, mas por um facto curioso, que os leitores folgarão de saber: um meu contemporaneo, já passando dos vinte cinco annos, que foi ministro e embaixador, Martins Ferrão, dava lições em torrentes de palavras, que os lentes ouviam sem ousarem interrompel-o.

Dizia-se que eram repassadas de philosophia allemã — apenas accessivel á sua intelligencia.

Percorrendo uma vez os seus livros não encontrei nenhum dos famosos constructores de systemas *á priori*—mas sim—a *Philosophia Positiva de Comte*—em 60. Era ahi, onde a sua potente memoria se enchia para depois se vasar nas aulas!

Ora vejam o positivismo antes do sr. Theophilo, e do grupo *indisciplinado e revolucionario!*

Comte prolixo, mas claro, presta-se a uma verborrhêa philosophica em dirnito, pela sua analyse historica e social do mundo moderno.

Mas foi porque se imaginava o Ferrão imbuido de metaphisica, que um lente de philosophia o dr. Antonino Vidal me pediu para o dr. Brito, lente de Direito, um livro que o esclarecesse sobre a terrivel metaphisica allemã mandei-lhe o *Ott*, passados poucos dias devolveu-m'o porque o não entendia, o que eu esperava.

Continúa o nosso Mestre. «D'essa mocidade os que se impulsoniavam pelas theorias metaphisicas, ao entrarem na vida publica, nada deram *ás cousas* pela sua propria esterilidade. Sob a influencia de Aimé e Krause succedeu-se (sic) na poesia a segunda phase da eschola de Coimbra representada pelo novo Trovador.»

A vida publica no que tem de realisavel não depende senão dos methodos e processos já discutidos e applicaveis, e se os *esterilisados* nada deram **ás cousas,** não se culpe a philosophia—Chimera no caso.

Outra, e não menor, é suppôr *Krause* a fonte da inspiração e da poesia do Passos, e dos outros poetas do *Novo Trovador!*

Esta aponta-se e não se discute.

Mas eu apuro um unico metaphisico, de quem os leitores vão admirar-se—quem é? o Snr. Theophilo Braga—!

N'um dos prologos da *Visão dos Tempos*, que nos inculca influida pela philosophia de Comte, diz assim—*quando o infinito se destacou do finito*—ora eis ahi a formula suprema da metaphisica alleman de todas as suas construcções á *priori*—explicando a formação, ou a origem do universo!

Adiante.

«João de Deus deixou entre as gerações escholares uma tradicção luminosa—o que lhe faltava e esterilisava as suas faculdades creadores suppriram-n'o os do periodo *indisciplinado* da eschola de Coimbra, que por seu turno actuaram sobre o genio de J. de Deus, suppriram-n'o pelo estudo, primeiro de Quinet e Michelet, depois de Vico, de Hegel, e Augusto Comte—d'onde provieram esses dois ramos de poesia revolucionaria, socialista, representada pelas *Odes modernas* de Anthero de Quental, e de concepção philosophica da historia *realisada* na *Visão dos Tempos.*»

«N'este caminho a poesia portugueza achou outra vez o seu destino.»

1.º—As faculdades *creadoras* de João de Deos eram *estereis.*

2.º—Felizmente os do periodo *indisciplinado* actuaram por *seu turno* sobre o *genio* do mesmo poeta.

3.º—O que lhe faltava foi *supprido* pelo *estudo* primeiro de Quinet e Michelet e depois de Vico, Hegel, e Augusto Comte.

4.º—Nasceram d'ahi dois ramos de poesia, um socialista, outra da historia philosophica e as *Odes* Modernas e a *Visão dos Tempos.*

5.º—*Outra vez* a poesia portugueza achou o seu *destino.*

Nada podiam influir Quinet, Michelet, Vico, Hegel, e Comte, nem directa, nem indirecta pelos *indiciplinados*, sobre o genio e o genero de poesia de João de Deus: tudo isso é um improviso.

A *Visão dos Tempos*, se acaso tem unidade, como nasceu de *Vico*, para quem a providencia dirige a historia, mas sem impedir as *phases regressivas*, e de *Hegel um metaphisico*, que vê na historia a evolução divina, pantheista, e continua até que o absoluto se manifesta *em Jesus Christo*, e de *Comte*, que admira e louva a forma theocratica, poderosa, da egreja na idade media, e quer impor ao futuro, *á epocha normal*, o *absolutismo* constituido n'uma classe apenas?

O que é a *Visão dos Tempos* nós o diremos.

«A' influencia das *Odes Modernas* pertence essa poesia chamada *satanica* de um pessimismo á *Baudelaire* facil d'imitar, e mais facil em illudir o gosto dos que aspiram a uma ordem nova».

Ora vejam o que sahiu d'aquelles philosophos, que de certo se espantariam, se soubessem aonde viera dar a sua influencia—ao satanismo «facil d'imitar e mais facil em illudir o gosto dos aspirantes a uma ordem nova».

O sr. Theophilo, aqui, arrepende-se do que na partilha das glorias poeticas cedeu a Anthero do Quental—e ficou elle só «fazendo entrar a poesia portugueza no caminho do seu destino».

Mais uma citação e termino.

«Emfim a *unanimidade produzida pela base scientifica discipli-*

A' UN JEUNE COUPLE

Evitons d'être seuls: la froide solitude
Nous glacerait á la fin
Dans ce vide moral, dont on prend l'habitude,
Où rien ne nous sourit pas même le matin.

Laissons nos coeurs s'ouvrir au charme d'une femme;
On s'attache, on est jaloux;
Et tout rempli d'amour, de roses, et de flamme
Le monde palpite en nous!

Alors l'astre du jour éclate tout en joie,
Et la vie est toute en fleur.
Dans ses rayons joyeux lui-même nous envoie,
Tendre, en nous caressant, l'ivresse du bonheur.

Pour nos rêgards charmés, la natere est en fête,
On lá sent se rajeunir:
Il en sort une voix, qui toujours nous souhaite
Un long, un doux avenir!

Desalterons—nous donc á la source infinie,
Qu'on nomme ici-bas l'amour!
Voila le seul moyen de rendre á notre vie
Tout son attrait chaque jour!

Je n'en sens que l'ennui! Que je plains ma jeunesse
Ne révant qu'un grand destin,
Sans jamais satisfais e á ces veux de tendresse
Si vivants dans l'être humain!

Je n'ai que des regrets, sous lesquels je succombe,
Eu regardant ce désert,
Oú mon âme en planant ne trouve que la tombe,
Qui m'offre son sein ouvert!

Almeida Medeiros.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

«Farei pois a minha carreira de artista annulando em mim o que é proprio de operario. Convem que eu venda as minhas obras como proprietario, em lugar de executal-as como artifice. Pois bem! para isso é mister haver fama, e a fama, hoje não vem procurar o artista á sua mansarda; tem de dar importancia a si mesmo, procurando a sociedade d'aquelles que a fazem, reclamando-a como um direito, e não imploral-a como se fôra esmola.

«Vê Magnani, se posso sahir d'este dilema! Todavia, soffro mortalmente, juro-t'o, lembrando-me que tenho de renegar de qualquer modo a classe de meus pais, e que sobre mim ha-de pezar o epitheto de charlatão e impudente dado por aquelles de quem me sinto irmão e amigo. Concordas, decerto, na conveniencia de afastar-me d'um paiz onde a popularidade de meu pai tornaria este divorcio mais despeitoso, para os meus collegas, e mais pungente para mim, do que fôra d'aqui.

«Vim comprir úm dever, expiar desvios, e concluida a minha tarefa, é preciso voltar a Roma, e de lá percorrer o mundo, fingindo-me talvez prematuramente, um homem livre. Se não fizer assim, adeus todo o meu futuro; desde já lhe posso renunciar.

—Sim, sim! comprehendo, volve Magnani; é preciso que nos libertemos a todo o custo. O trabalho do operario é a sujeição; a obra do artista é o titulo de homem. Tens razão, Miguel, estás no teu direito; é portanto esse o teu dever, e o teu fim. Mas como é triste e cruel o destino do homem intelligente!

Como repudir a familia; abandonar a terra natal; ser representante d'uma especie de farça, para ter acceitação entre os grandes; usar mascara para receber a corôa; entrar em luta com os pobres que vos condemnam, e com os ricos que difficilmente vos admittem! E' horroso; é para não querer glorias. De que servem ellas compradas por tal preço?

—A gloria, entendida como vulgarmente costuma ser, nada é, na realidade, meu amigo, responde Miguel, com enthusiasmo, se não passa d'um pequeno ruido o que o homem pode fazer no mundo.

Vergonha deve ter aquelle que trahiu o seu sangue, e quebrou as suas affeições, por méra vaidade! Porem, a gloria, tal como eu a concebo, não é isso. E' a nifestação e o desenvolvimento do nosso genio. A' falta de apreciadores esclarecidos, de enthusiastas admiradores, de criticos severos, e até de maledicos invejosos; á falta, finalmente, de gozar todas as vantagens, de receber todos os conselhos e de soffrer todas as perseguições, que augmentam a fama, o genio se extingue no desanimo, na apathia, na duvida, ou na ignorancia de si mesmo. Devido aos triumphos, aos combates e aos espinhos que nos esperam n'uma alta carreira, chegamos a fazer de nossas forças o melhor uso possivel, e a deixar no mundo do pensamento um poderoso vestigio, inefavel, eternamente fecundo. Aquelle que fôr sincero no amor da sua arte, quer a gloria de suas obras, não para que sobreviva o seu nome, mas para que ella se perpetuo. Que me importaria não colher os louros de meu mestre Miguel-Angelo se eu deixasse á posteridade uma obra anonyma comparada á do *Julgamento Final*». A fama é mais um martyrio do que embrieguez.

O artista serio procura este martyrio e supporta-o com paciencia—sabe que é a dura condição do bom exito, e este não consiste só em ter applausos, em ser de todos comprehendido, está em produzir alguma coisa em que elle proprio tenha fé! Mas, que tens, Magnani? Estás pensativo e já não me attendes...

XIII

Agatha

Attendo-te, Miguel, attendo-te e muito, pelo contrario; intristeci-me porque sinto a força dos teus raciocinios. E's o primeiro com quem fallo sobre este assumpto. Hei já conhecido alguns jovens operarios inclinadas a deixar o seu mister pelo de commerciante, advogado, padre, ou artista; e é verdade que o numero d'estes desertores augmenta d'anno em anno. Entre nós, o que se reconhece intelligente, tem logo ambições, e até agora tenho combatido com força estas veleidades, dos outros e tambem minhas.

Meus pais, altivos e cuidadosos como velhos e dignos trabalhadores, ensinaram-me, como se fosse uma virtude, a ser fiel ás tradições de familia, aos costumes da classe, e o meu coração gostou d'esta severa e simples moral. Eis porque resolvi, reprimindo algumas vezes os meus transportes, só procurar a gloria dentro da minha profissão; eis porque tambem rudemente censurava o amor-proprio de meus juvenis camaradas, mal o presentia; eis porque logo as primeiras palavras que te dirigi de sympathia e interesse foram conselhos e reprehensões.

Parece-me que tenho tido razão até aqui, porque os outros eram realmente vaidosos, e a sua vaidade tendia a tornal-os ingratos e egoistas. Sentia-me pois muito forte para os criticar, reprehender e elogial-os ao mesmo tempo.

Para ti sou debil, porque és muito forte em theoria—pintas a arte com magnificas e belles côres; sentes tanto a grandeza da sua missão, que mais não ouso insistir em contestar-te. Para conseguires o que pretendes parece-me que tens direito a abandonar tudo, a impôres-te ao teu coração, como eu tambem me impuz ao meu para ficar obscuro...

E comtudo, a minha consciencia não se julga feliz com esta solução, que como tal me custa a reconhecer.

Vejamos, Miguel, como sabes mais que eu, diz-me qual de nós dois milhor procede na presença de Deus?

—Amigo, creio que ambos temos razão. Creio que ambos n'este momento representamos o que ha de contraditorio e simultaneo na alma do povo de todas as nações civilisadas. Tu defendes o sentimento fraternal, que em ti é como sagrado, mas que luta com as minhas ideias que não deixam de ser verdadeiras e sagradas na sua animação para o combate, como o é o teu desejo de renuncia e de silencio. Se é esse o teu dever, este é o meu direito.

Tolera-me, porque te respeito, e o ideal de cada um de nós está incompleto, mas completa-se um pelo outro.

—Sim, tu fallas de coisas abstractas, responde Magnani, pensativo; creio que te comprehendo; mas, realmente a questão não está decidida. O mundo actual debate-se entre a resignação e a lucta. Por amor da raça quizera soffrer e protestar com ella. Talvez por egual motivo queiras combater e triumphar em seu nome. Estes dois meios parecem escluirem-se e condemnarem-se um ao outro. Perante a justiça divina quem deve prevalecer, a idêa ou o sentimento?—*Ambos*—como disseste.

Mas na terra onde as leis divinas não governam os homens, onde achar o possivel accordo entre estes dois termos? Em vão o procuro.

(Continua).

Clara de Miranda.